



XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã

Tema central:

**Comunicação e as lutas por cidadania na disputa de hegemonias
19 a 21 de outubro de 2022**

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**
Universidade Estadual de Londrina – **UEL**
Programa de Pós-Graduação em Comunicação – **PPGCom UEL**

GT 3 – REDES SOCIAIS E ATIVISMO MIDIÁTICO RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cobertura Colaborativa da Caravana Agroecológica e Feminista da Zona da Mata e Leste de Minas¹

Michele Sotero, Wanessa Marinho e Vanessa Maciel

Universidade Federal de Viçosa (UFV),
Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM).

Resumo Expandido

Com a participação de mais de 50 mulheres e percorrendo ao todo seis municípios em Minas Gerais foi realizada, entre os dias 12 e 15 de julho de 2022, a “Caravana Agroecológica e Feminista: um olhar sobre os conflitos socioambientais e resistências na Zona da Mata”, envolvendo agricultoras, assessoras técnicas, pesquisadoras e suas organizações, movimentos sociais, ONGs, instituições de ensino, pesquisa e extensão dos territórios de atuação do projeto

¹ Relato de experiência apresentado no GT 3 – Redes Sociais e Ativismo Midiático da XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2022, de 19 a 21 de outubro de 2022 – realizada pela ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã, Universidade Estadual Paulista (UEL) e Programa e Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM-UEL.

GENgiBRe. Simonésia, Divino, Muriaé, Araçuaia, Viçosa e Acaiaca foram os municípios percorridos durante a caravana, uma ação executada pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), em parceria com a Sempre Viva Organização Feminista (SOF), o Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento da França e a Universidade Federal de Viçosa (UFV), além de organizações representativas da agricultura familiar. Reunindo, principalmente, agricultoras familiares das regiões da Zona da Mata e Leste, de Minas Gerais, e do Vale do Ribeira, em São Paulo, esta experiência de intercâmbio proporcionou a construção coletiva do conhecimento, assim como a visibilidade e o fortalecimento das estratégias de luta protagonizadas pelas mulheres na produção agroecológica e no enfrentamento à mineração. Nesse sentido, a ideia de realizar uma cobertura colaborativa com uma equipe de comunicação emergiu da necessidade de documentar, por meio de materiais audiovisuais, as experiências vivenciadas durante todo o percurso.

Projeto GENgiBRe e CTA-ZM

O projeto de pesquisa-ação “GENgiBRe - Relação com a natureza e igualdade de gênero. Uma contribuição à teoria crítica a partir de práticas e mobilizações feministas na agroecologia no Brasil” tem como objetivos compreender a relação que as agricultoras agroecológicas têm com a “natureza” e o papel que esta relação pode desempenhar em seu engajamento em defesa dos seus territórios e contra as discriminações. A pesquisa parte da hipótese de que a relação das agricultoras agroecológicas com a natureza alimenta o mundo vivido (experiência, trabalho, práticas e técnicas) mas, por outro lado, é limitada por relações de poder entrelaçadas (de gênero, classe, raça). A partir destes processos, sob certas condições, pode surgir uma identidade coletiva, assim como práticas e mobilizações em defesa do território e contra as discriminações.

O CTA-ZM é uma organização sem fins lucrativos, fundada em novembro de 1987 por lideranças sindicais, agricultores/as familiares e profissionais das ciências agrárias, com o objetivo de incentivar a participação social desses sujeitos e o desenvolvimento de sistemas de produção adequados à realidade da Zona da Mata de Minas Gerais para fortalecer econômica e politicamente a agricultura familiar. É uma ONG que atua articulada em rede com diversas organizações no Brasil, e também no exterior, e tem como missão promover a agroecologia como ciência, prática e movimento, através de ações socioassistenciais de assessoramento,

defesa e garantia de direitos para a contribuição e fortalecimento das organizações, a equidade nas relações de gênero e gerações, e a melhoria da condição de vida das famílias agricultoras, em todas as suas dimensões: econômica, social, ambiental, política e cultural.

Planejamento

Durante as reuniões de construção da Caravana, a equipe do projeto GENgiBRe definiu que os registros seriam uma parte fundamental para a realização da experiência. Para tanto solicitaram o apoio da jornalista Wanessa Marinho, da cineasta Vanessa Maciel e da estudante de graduação Michele Sotero, todas do setor de comunicação do CTA-ZM, para planejar e executar uma cobertura colaborativa, refletir sobre os temas prioritários a serem abordados, perfis das pessoas que seriam entrevistadas, perguntas geradoras e como organizar o trabalho da equipe. Ficou definido que o foco principal seria a produção de um vídeo pós caravana e de um “caderno da participante” pré caravana, além da produção de fotos e publicações nas mídias sociais no percurso. Como realizar esses registros durante quatro dias, visitando vários municípios e experiências, em uma atividade intensa, uma “ação em movimento” seria o grande desafio.

Cobertura Colaborativa da Caravana

A Caravana teve início em Simonésia, município que conta com 61,13% de sua população morando na zona rural e marcado pela força da agricultura familiar na produção de café e uma diversidade de alimentos. A cobertura iniciou com a acolhida realizada no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar (SINTRAF), uma rodada de apresentações das participantes que trouxeram bandeiras, alimentos e materiais, e ao final o relato das mulheres, que participam ativamente na direção das organizações no município.

No primeiro dia de visitas às propriedades agricultoras (13 de julho), as participantes se dividiram em duas rotas diferentes para conhecer experiências agroecológicas no município. A equipe de cobertura também se dividiu. Wanessa Marinho e Michele Sotero partiram rumo à casa de Maria de Fátima, enquanto Vanessa Maciel seguiu a rota para as casas de Elisangela e Marcilene.

Nesses espaços foram registrados em vídeos, com uso de câmeras fotográficas, recortes sobre as apresentações das propriedades, os desafios que as mulheres enfrentam na comunidade e as formas de organização que desenvolveram para a luta da preservação da biodiversidade, e no enfrentamento à mineração e ao uso de agrotóxicos. Também foram realizados registros fotográficos, em muitos momentos com os celulares, para o álbum de fotos que seria construído sobre a Caravana.

Seguindo a rota, após as visitas, todas as participantes foram conhecer a “Casa da Agroecologia” (uma das sedes da ONG Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, ainda em Simonésia) para o almoço e rodas de conversa e trocas sobre as principais atividades no município. Em momentos como esse, períodos de almoço e descanso entre atividades, comumente a equipe de cobertura utilizava do tempo para resolver questões técnicas em relação aos equipamentos, como carregamento de baterias das câmeras e celulares, entre outras questões, como produção de conteúdo e publicações de outros assuntos nas mídias sociais.

Durante um determinado momento da atividade, após cada uma realizar alguma etapa da cobertura: Vanessa realizar a cobertura de imagens; Wanessa responder as mensagens com demandas externas que chegavam; e Michele o resumo textual das atividades do dia, as três se organizaram para iniciar o processo de gravação de algumas das entrevistas pré-definidas, que seriam utilizadas no vídeo final sobre a Caravana, assim como em um segundo vídeo com a temática específica do enfrentamento à mineração com o protagonismo das mulheres na região. Assim, após localizar um cenário onde não haveria tanta movimentação, organizaram os equipamentos e começaram a entrevista. O tempo foi curto, o necessário para entrevistar uma única pessoa, organizar novamente os equipamentos e seguir viagem para o município de Divino, a cerca de 105 km, onde chegaram no início da noite.

Nos momentos anteriores, e nos que vieram a seguir, a equipe de comunicação optou por mesclar o uso de câmeras fotográficas com o uso dos celulares, que dispunham de boa qualidade e garantiriam uma maior agilidade no envio das fotos para Michele Sotero, que as organizava e publicava junto com um resumo textual, nas mídias do CTA-ZM, sobre o dia da Caravana. Até o momento, o planejamento da mesclagem de equipamentos continuou a ser seguido. No entanto, a equipe esbarrou em um desafio: a publicação nas redes sociais das atividades em meio ao trânsito entre municípios e em locais que não havia internet.

Diante desse cenário, depois de algumas tentativas, a equipe decidiu reorganizar a orientação e adiar as publicações da Caravana, e realizar posteriormente, após a finalização, uma retrospectiva nas mídias sociais. As postagens datadas e urgentes, com relação ou não com a Caravana, foram publicizadas utilizando os dados móveis dos celulares, com a expectativa de que seria possível não acabar com o pacote de dados que a equipe também utilizava para se comunicar, mesmo com muitos ruídos, durante as diferentes rotas.

No segundo dia, 14 de julho, também foram organizadas duas rotas diferentes e a divisão das mulheres. A primeira foi para Carangolinha, comunidade localizada na Zona de Amortecimento do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro. A visita teve a cobertura feita por Wanessa e Michele, que iniciaram a experiência de cobertura desde a chegada nas estradas da comunidade, com registros de faixas com escritos como “Mineração aqui não!”, demonstrando a organização e a resistência das comunidades para com as pressões vindas de empresas como a Companhia Brasileira de Alumínio (CBA).

O encontro com a população teve abertura com o teatro das crianças contando sobre a luta pela defesa do território contra a ameaça da mineração de bauxita e o protagonismo das mulheres nesse processo. Documentaram as cenas, as canções e os momentos da prosa em que as pessoas destacaram as parcerias com o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o CTA-ZM na promoção da agricultura familiar agroecológica.

Concomitante à atividade que era realizada em Carangolinha, foi feita a visita na propriedade de Gilvania e Anacleto, um casal jovem que produz cosméticos naturais e café orgânico em sistema agroflorestal. Nesse momento, Vanessa fazia a cobertura, enquanto eles compartilhavam sobre os processos de certificação orgânica agroecológica e a comercialização dos seus produtos, com o grupo passeando em meio aos pés de café e uma diversidade de plantas da propriedade.

No período da tarde, Vanessa Maciel realizou imagens da mesa de alimentação promovida, buscando mostrar a diversidade dos alimentos da agricultura familiar agroecológica. Também registrou com fotos momentos da roda de conversa sobre a metodologia dos intercâmbios agroecológicos, construída pelo CTA-ZM, as experiências de cooperação com as mulheres do Vale do Ribeira e as parcerias importantes em Divino. Além

disso, foi realizada pela equipe mais um momento de entrevista, para a utilização nas propostas de vídeos apresentadas no planejamento.

Após esse momento, outro dia intenso de atividades, as mulheres continuaram seguindo viagem para duas rotas diferentes: Muriaé e Araponga. Nessa dinâmica, a equipe de comunicação também se dividiu. Vanessa e Michele seguiram a Rota para Muriaé, que no próximo dia passaria pela comunidade Ancorado, no município de Rosário da Limeira. Foram feitos registros das rodas de conversa no dia anterior e pela manhã em Muriaé, na qual as mulheres puderam compreender sobre os impactos da mineração no território e a promoção da agroecologia na região, construída pelas famílias agricultoras, por meio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), da Cooperativa dos Produtores e Produtoras da Agricultura Familiar Solidária (Coopaf), do Centro de Estudo Integração Formação e Assessoria Rural (CEIFAR), bem como por organizações parceiras como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sudeste de Minas Gerais, Campus Muriaé e a ONG Iracambi.

Também foram registradas as diferentes formas de controle sobre o território e as experiências ditas “bem sucedidas” de recuperação de áreas degradadas pela extração de bauxita, divulgadas amplamente pela mineradora e pesquisadores de instituições de ensino e pesquisa do território como um modelo de mineração sustentável. Ao final do trajeto avistamos a estrutura da barragem vista de baixo e, em seguida, da parte superior. Na segunda rota, que foi acompanhada por Wanessa, aconteceu a cobertura da visita ao Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), da roda de conversa com o gestor do parque e com as comunidades do entorno do PESB sobre a relação com o parque e os modos de vida das comunidades, como resistência às ameaças.

Depois de cobrir as atividades, todas as mulheres, inclusive a equipe de cobertura, partiram rumo a Viçosa, mais especificamente para a sede do CTA-ZM. Depois desse momento, seguiram para uma roda de conversa no conhecido gramado escola da Universidade Federal de Viçosa (UFV) onde conversaram sobre suas percepções em relação às rotas do dia, relembrando os dias intensos de caravana. Se juntaram ao final, em um cortejo, com as pessoas que participavam da reunião de construção da Troca de Saberes com o Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia (ECOAC) da UFV, ao som das músicas tocadas pelo cantador popular Sebastião Farinhada. Os momentos foram documentados, em meio a outras quatro entrevistas

e duas gravações de poesias recitadas que eram realizadas, buscando compartilhar os relatos de experiências de diferentes mulheres que participaram da troca.

Na perspectiva da cobertura, foram dias intensos com diversas atividades, nas quais a equipe lidou com vários imprevistos como a dificuldade de acesso a sinal de operadora nem internet disponível para compartilhar em tempo real todas as ações realizadas, nem resolver as pendências que aconteciam de outras demandas não vinculadas à Caravana. Além disso, vale ressaltar que a cobertura de iniciativas como essas, em que a cultura, a religiosidade e a arte se entrelaçam na luta, leva a várias reflexões acerca do papel da comunicação no fortalecimento dos processos de luta dos movimentos sociais.

Palavras-chave: Comunicação Popular; Mulheres Rurais; Agroecologia; Feminismo.

Referências bibliográficas:

www.ctazm.org.br

www.pt.ird.fr